Recital

Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

REIS DE ZABUMBA EM CURRAL DE VARAS-BA: NOTAS ETNOGRÁFICAS DE UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Reis de Zabumba in Curral de Varas, Bahia: ethnographic notes of a cultural phenomenon

Aloísio José dos SANTOS
Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT IFNMG)
aloisioeaf@yahoo.com.br

Alex Lara MARTINS
Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT IFNMG)
alex.lara@ifmg.edu.br

DOI: https://doi.org/10.46636/recital.v6i2.554

Resumo

O Reisado é uma manifestação artística, popular, cultural e religiosa, presente em várias regiões do país. Apesar disso, o Reisado carece de valorização e proteção enquanto patrimônio histórico-cultural. Este artigo realiza uma análise descritiva de elementos materiais (práticas, dança, música, letras) e simbólicos (rituais, imagens, linguagem) da folia de Reis na comunidade rural de Curral de Varas, distrito de Guanambi-BA. Essa análise é precedida de uma discussão teórica sobre a herança cultural e histórica do Reisado. Para a pesquisa de campo, houve a imersão de longo prazo do pesquisador, pertencente a um grupo de Reis, na comunidade estudada. Espera-se que a preservação da folia de Reis possa contribuir para a formação dos indivíduos em seu processo de socialização.

Palavras-chave: Reisado. Hibridização cultural. Patrimônio imaterial.

Abstract

Reisado is an artistic, popular, cultural, and religious manifestation, present in various regions of the country. Despite this, Reisado lacks appreciation and protection as part of our historical

and cultural heritage. This article conducts a descriptive analysis of both the material (practices, dance, music, lyrics) and symbolic (rituals, images, language) elements of the folia de Reis in the rural community of Curral de Varas, a district of Guanambi-BA. A theoretical discussion of the cultural and historical heritage of Reisado precedes the analysis. The field research involved the long-term immersion of the researcher, who belongs to a Reis group, within the community studied. It is expected that the preservation of the folia de Reis can contribute to the formation of individuals in their socialization process.

Keywords: Reisado. Cultural hybridization. Intangible heritage.

INTRODUÇÃO

O Reisado[1] é uma manifestação artística, popular, religiosa e cultural. Ele é artístico porque em sua realização estão presentes a dança, a música e o verso; é popular porque se realiza coletivamente com pessoas de diferentes classes sociais, gêneros e etnias, que dramatizam, brincam e festejam juntas; é religiosa porque faz uso de alegorias da religião católica, mais especificamente retratando a visita dos Reis Magos a Jesus por ocasião de seu nascimento. Além disso, é cultural porque a sua prática se transmite entre as gerações forjando identidades, reproduzindo símbolos e é considerado como um patrimônio cultural imaterial. Segundo Carvalho e Meneguello (2020), os conceitos de patrimônio e cultura popular tem vínculos profundos fundados sob a tríade povo, identidade e nação.

A problemática enfrentada relaciona-se à percepção de que a comunidade de Curral das Varas tem perdido interesse pelas diversas manifestações populares, tradicionais e culturais, como o Reisado. Em parte, esse desinteresse é resultado tanto da indiferença das instituições de ensino em relação a essas práticas, que são pouco curricularizadas, quanto da própria transformação cultural, que extingue ou modifica costumes, tradições e práticas, processo denominado por Le Goff (1990) de “perturbações” da memória e das identidades coletivas. A memória e o esquecimento são instrumentos de poder entre classes e grupos dominantes. Embora o Reisado ainda seja uma importante manifestação popular de caráter religioso, as apresentações de reiseiros vem perdendo espaço para forças insurgentes, por exemplo, a ascensão de outras religiões e a disseminação da indústria cultural.

A avaliação etnográfica dessas manifestações subalternas, pode ser um instrumento importante para essa disputa. Por isso, como forma de resistir politicamente ao esquecimento dessa manifestação popular, propõe-se realizar uma análise descritiva de elementos materiais (práticas, dança, música, letras) e simbólicos (rituais, imagens, linguagem) da folia de Reis na comunidade rural de Curral de Varas, distrito de Guanambi-BA. Essa análise é precedida de uma discussão teórica sobre a herança cultural e as memórias de um grupo étnico-cultural identificado com o Reisado. Este artigo constitui o resultado parcial da pesquisa desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT).

[1] Optou-se por utilizar a maiúscula em palavras referentes à manifestação religiosa, tais como Reis, Reisado ou em nomes próprios, como Magos, mantendo em minúsculo os substantivos da locução adjetivada, tais como folia, festa, grupo e terno de Reis.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

O Reisado é uma manifestação artística, popular, cultural e religiosa bastante presente no estado da Bahia. Faz parte das tradições de vários municípios da região Centro-Sul do estado, e da microrregião de Guanambi. As tradições populares e manifestações culturais, como o Reisado, Vai de virá e Boi-bumbá fazem parte do processo de formação dos guanambienses.

O Município de Guanambi está localizado no Território de Identidade Sertão Produtivo no Sudoeste Baiano, com uma população de 87.817 (IBGE, 2023). No último censo publicado, 62,7% da população se autodeclarou negra (IBGE, 2012) e cerca de 90% manifestaram aderir a uma religião cristã.

Também há festivais de Reisado nas cidades de Caetité, Igaporã e Pindaí, e em dezenas de comunidades rurais. Nesse território, Guanambi é o município que se destaca por ser o principal centro econômico, financeiro e comercial. Guanambi é subdividido em três distritos: Morrinhos, Mutãs e Ceraíma, que juntos formam 21 ternos de Reis, dos quais 16 continuam ativos e atraem bastante público em suas apresentações. O distrito de Morrinhos abriga a maior quantidade dos grupos e é onde se realiza, há trinta anos consecutivos, um festival com a participação de ternos de toda região.

O Reisado pode ter outras denominações, em diferentes regiões do país, tais como “terno de Reis, pastorais do Senhor Menino, folia de Reis, pastoris, bailes pastoris e companhia de Reis” (KODAMA, 2009, p. 120). Em Curral de Varas costuma-se denomina-lo “Reisado de zabumba”, em referência às batidas típicas de instrumentos de couro dos tambores. Segundo relatos orais, essa tradição remonta há mais de 100 anos, possuindo elementos simbólicos particulares que incorporam aspectos da cultura regional. Alguns desses elementos estão na materialidade de danças e músicas ritmadas por instrumentos de origem africana. Não se trata, necessariamente, de um rito da religiosidade afro-brasileira, visto que apenas 11 residentes em Guanambi manifestaram aderir a uma religião de matriz afro-brasileira, a umbanda ou o candomblé (IBGE, 2010). Apesar disso, o Reisado de zabumba combina e sintetiza múltiplas culturas, nesse caso, revelando a hibridização entre as tradições pela forma como é celebrada na região.

2 METODOLOGIA

Este trabalho foi construído a partir do que se entende como pesquisa participante, cujo ponto de origem situa-se em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade estrutural e dinâmica, em que os sujeitos sociais estão contextualizados em sua dimensão histórica (BRANDÃO; BORGES, 2007). Trata-se de uma pesquisa de campo motivada pela imersão a longo prazo do pesquisador (pertencente a um grupo de Reis) na comunidade estudada. Nesse sentido, partiu-se da análise descritiva da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do Reisado, em suas diferentes dimensões simbólicas e interações materiais. Trata-se, por isso, de uma pesquisa etnográfica qualitativa realizada pelo pesquisador participante da manifestação cultural do Reisado, em que se buscou observar, descrever e analisar o seu sistema de significados e práticas (ANGROSINO, 2009). Mais propriamente, a pesquisa etnográfica proposta insere-se no âmbito dos estudos culturais, que “examina como a vida das pessoas é moldada por estruturas repassadas historicamente”,

determinando "como os significados hegemônicos são produzidos, distribuídos e consumidos" (ANGROSINO, 2009, p. 28). A pesquisa observou pressupostos éticos em relação à confidencialidade, privacidade e dignidade dos participantes, obtendo o parecer de autorização CEP/CONEP n. 6.467.909. Em resumo, os procedimentos metodológicos seguiram os seguintes passos:

a) a pesquisa bibliográfica, cujo objetivo é a realização de levantamento histórico dos significados hegemônicos, de busca por fragmentos memorialísticos e dos modos de organização dos rituais religiosos e de formação cultural dos ternos de Reis.

b) a pesquisa de campo, caracterizada pela necessidade de realização de observações *in loco* como integrante a longo prazo de um terno de Reis. O objetivo é de descrever a vivência dos participantes nas atividades (do giro, da música, dos versos, dos instrumentos, da dança e de seus movimentos) e de reconhecer os símbolos, as percepções e crenças que o Reisado pode despertar nos sujeitos participantes, conforme as orientações metodológicas etnográficas (ANGROSINO, 2009).

3 HIBRIDISMO CULTURAL E REISADO DE ZABUMBA

Os estudos culturais assumem uma amplitude na contemporaneidade que este artigo não é capaz de enfrentar. Por isso, o recorte teórico teve como critério estabelecer certo diálogo entre o entendimento de cultura como campo promotor de identidades e coesão social (CERTEAU, 1995) e como campo de lutas políticas e sociais pela hegemonia simbólica (BOURDIEU, 2007). Esse diálogo é importante para assumirmos um posicionamento antropológico sobre o conceito de cultura popular por meio das relações entre aprendizado e apropriação cultural (BRANDÃO, 2020).

A metáfora empregada por Certeau (1995), de acordo com a qual a cultura é o ar que torna uma sociedade respirável, denota a capacidade da cultura em permitir a comunicação e a criatividade, fornecendo referências comuns e outras vias possíveis de comunhão e consenso social. Nessa perspectiva, a compreensão de cultura transcende os aspectos artísticos e religiosos de uma comunidade, pois trata-se de tudo o que representa a identidade de indivíduos em uma coletividade. Através da cultura é possível construir convenções e acordos entre os antagonistas, mesmo que eles se consolidem por meio de violências simbólicas. Em uma visão mais ampla do que a de Certeau (1995), para o qual essas convenções promovem o equilíbrio social, os preceitos éticos, morais e regras de conduta e convivência, Bourdieu (2007) afirma que cada campo da cultura é um espaço de luta por apropriação do capital simbólico, de legitimação e distinção.

Nesse contexto teórico, duas questões sobrevêm: a primeira é que os produtos da cultura são classificados (entre belo e feio, distinto e vulgar, culto e popular etc.) conforme as condições econômicas e sociais pressupostas, de modo a se reproduzir o sistema de percepções e apreciações das classes dominantes. Isso significa que a adaptação, a ressignificação ou a apropriação de elementos da cultura popular são capitais simbólicos de justificação ideológica das desigualdades sociais (BOURDIEU, 2007).

Resulta desse processo uma relativa desvalorização ou perturbação da memória e dos saberes populares (LE GOFF, 1990), especialmente pelas novas gerações. Para lidarmos com essa questão, é necessário deixar claro que o Reisado marca a identidade de uma comunidade ao mesmo tempo em que se mantém como ponto de resistência simbólica, seja em relação à

hegemonia do catolicismo, religião predominante em Guanambi (IBGE, 2010), seja em relação à massificação dos objetos de cultura promovida pelo capitalismo. Nesse sentido, concordamos com Canclini (1990) ao afirmar que a análise de Bourdieu é insuficiente para tratar do desenvolvimento de algumas manifestações culturais populares, que não se submetem totalmente à lógica utilitarista, especialmente aquelas nascidas em contextos de modernidade tardia como em parte da América Latina.

De acordo com Brandão (2020), nas cidades de maior porte com características urbanas existe uma tendência de priorizar acontecimentos individuais, pessoais, ritos de passagem como aniversário, formatura, novo emprego, festas cívicas e profanas, com maior grau de impessoalidade. Já em cidades e comunidades rurais, periféricas ou tradicionais os festejos locais, religiosos ou acontecimentos que criam ou fortalecem vínculos são priorizados, como velórios, novenas, festas de padroeiro, casamentos. Para as famílias urbanas os ritos e cerimônias tendem a ter uma relação ao "eu" familiar, enquanto para as famílias do campo eles estão relacionados ao "nós" local. Tem-se, no primeiro caso, as comemorações da crisma, dos 15 anos, da primeira comunhão, do aniversário, da formatura ou a vitória do time de coração; no segundo caso, há as festas dos santos padroeiros, o batizado, o casamento, o velório e o novo chafariz da cidade. Essa diferença de escopo pode ser notada nas relações sociais em torno da folia de Reis, uma festa religiosa que mescla elementos cristãos com traços das culturas africanas e indígenas. As festas de Reis marcam o fim e o início do tempo comunitário do catolicismo santorial ou popular.

A segunda questão refere-se às novas dinâmicas sociais, implicadas pelo processo de globalização. Embora a folia de Reis seja de origem ibérica, as festas chegaram ao Brasil durante o período de colonização, foram incorporadas ao folclore brasileiro e remodeladas na contemporaneidade, revelando a complexidade das interações entre heranças culturais no Brasil, com a fusão de elementos multirreligiosos, musicais e coreográficos (FERNANDES, 2015). Canclini (1990, p. 264) denomina esse processo de "hibridização cultural", isto é, a "a desagregação e mistura dos acervos que organizavam os sistemas culturais, a desterritorialização dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros". Essas três características estão presentes no Reisado de zabumba.

Segundo Fernandes (2015), a folia é uma das formas tomadas pelas procissões, cortejos em que fiéis e sacerdotes católicos seguiam em fila recitando orações. Há, aqui, uma perspectiva de aproximação das expressões de fé e experiências de um povo ou comunidade. Inspirados na prática jesuíta, na qual a ludicidade era utilizada para realizar o trabalho de catequização, os fiéis da Igreja Católica passaram a fazer uso das práticas teatrais e da musicalidade para realizar o seu trabalho de evangelização, o que foi se mesclando, por contraste ou semelhança, ao considerado profano, secular ou irregular em relação aos dogmas da Santa Sé. Por isso, Cascudo (2005, p. 402) afirma que a folia brasileira tem um aspecto precatório: "é uma espécie de confraria, meio sagrada, meio profana, instituída para implorar a proteção divina" em troca de "esmolas".

O Reisado de zabumba de Curral de Varas originou-se de uma comunidade de negros que, conforme relatos orais, aprenderam as danças e as músicas com seus ancestrais. Relaciona-se ao catolicismo santorial e devocional, relativamente autônomo à direção institucional da Igreja, com símbolos, analogias e imagens inspiradas na passagem bíblica em que Jesus recém-nascido foi visitado por três Reis de territórios distantes. Além disso, a pedra angular do catolicismo santorial corresponde ao processo de hibridização cultural entre religiosidades de povos africanos, por exemplo, o culto aos inquices, voduns e orixás, e entre essas divindades e as do

culto europeu, em redes de mixagem, sincretismo, apropriação e desapropriação de nomes, significantes e significados (NEDER, 2013).

Por meio dessa dinâmica complexa entre culturas, os saberes e as práticas transmitidas moldaram a memória, a história e a cultura da comunidade. Não se sabe ao certo o tempo de início ou a localidade exata das primeiras rodas de Reis realizadas no município, talvez porque a preservação do culto exigisse mais a oralidade fosse do que o registro escrito. O registro mais antigo dessa manifestação encontra-se no diário de viagem do engenheiro Teodoro Sampaio, que ao passar pela região, em 1880, escreveu: "demoramos quatro dias em Caetité, durante as festas de Reis, a colher informações cerca da região e dos municípios circunvizinhos, a dispor as coisas para o procedimento da viagem em direção à Chapada Diamantina" (SAMPAIO, 1905, p. 108).

Conforme a tradição católica, os reis Magos (Gaspar, Belchior e Baltazar) foram visitar o menino Jesus levando ouro, incenso e mirra como presentes. Contudo, nos festejos de Curral de Varas, os reiseiros não levam os presentes, e sim recebem prendas, como dinheiro ou donativos para a festa de janeiro. As doações simulam, de forma invertida, os presentes ofertados pelos Reis Magos, pois se acredita que essa ação traga prosperidade aos lares de quem realiza a oferta. A prática de oferecer dinheiro ou um animal como dádiva tem raízes que remontam a antigas tradições de generosidade, prosperidade e proteção, ou, ainda, à lógica comunitária de "dar, receber e retribuir" (MAUSS, 2004).

Na comunidade, a oferta não tem o sentido precário ou mercadológico da troca, mas o de manter vivo o contrato social enraizado na religiosidade, seja como uma forma de reconhecer e valorizar a dedicação dos integrantes do Reisado na organização da festa, seja como uma forma de comungar simbolicamente dos benefícios espirituais e religiosos da manifestação. Assume-se, nesse contrato, direitos e deveres mútuos. O Reisado reúne fatos sociais como cerimônias e rituais coletivos performáticos, com a função de salvaguardar as práticas ancestrais e culturais das comunidades, bem como articulá-las para que possam combinar, assimilar e acomodar as informações dinâmicas e das sociedades contemporâneas (KODAMA, 2009). Cada região insere elementos propícios a sua cultura, como as cantigas, as danças, os instrumentos, as vestimentas, as orações e as rezas de ladainhas, misturando o sagrado da fé religiosa e o profano, com cores e ritmos próprios.

Esse processo de hibridização cultural ofereceu novas características e significados à manifestação religiosa, resultando em uma diversidade de formas e contextos da folia de Reis. Na região de Guanambi, por exemplo, houve a absorção de aspectos das culturas de origem africana e afro-brasileira, por exemplo, nos instrumentos musicais e nos movimentos rítmicos. Gomes (2012) afirma que a folia nessa região possui uma origem comum às manifestações populares em devoção a Santo Antônio (santo casamenteiro e padroeiro do município de Guanambi): as cantigas de roda, as rezas de ladainha, o Vai de Virá, a Marujada e os Reisados são traços de singularidade do modo de vida e da cultura dos sertões nordestinos.

O Reisado de zabumba é uma das manifestações culturais mais fortes no município de Guanambi. A seguir, apresentamos uma descrição de elementos materiais e simbólicos que compõem essa manifestação, bem como os processos e a dinâmica dessa celebração, conforme orientações metodológicas da etnografia (ANGROSINO, 2007).

4 REGISTRO ETNOGRÁFICO DO REISADO DE ZABUMBA

Os reiseiros de Curral de Varas visitam as casas da comunidade seguindo os rituais aprendidos de seus antepassados, tais como:

a) chegar em silêncio à porta da casa escolhida, em geral, por solicitação do anfitrião ou por definição do grupo;

b) manter erguida a bandeira à frente, cantando o Reis de chegada para pedir a permissão para adentrar a residência;

c) dentro da casa, aproximar-se do presépio ou da lapinha e cantar o Reis da lapinha ou reis do nascimento;

d) cantar o agradecimento, preparando a marcha para a saída;

e) ou performar contradanças para animar o movimento;

f) rumar em direção a outra casa, cantar e dramatizar mais uma vez a história.

No tempo em que são recebidos pelos moradores, são servidos café, bolo, farofa e a pinga. Nem toda casa tem a tradição de montar o presépio, seja por questões financeiras ou por falta de habilidade e disposição. Nesses casos, realiza-se o ritual prostrando em frente ao quadro de um santo pendurado na parede, um oratório ou em frente à própria bandeira.

Logo após a quaresma há as festividades de "Reis temporão", apresentações fora do período natalino, para as festas em homenagem a outros santos. O Reisado é um marcador importante da temporalidade de Curral de Varas: ele finaliza e inicia o ciclo de datas religiosas do calendário, inserindo-se, em maior ou menor grau, nos ritos dedicados a outros santos. O enredo das apresentações temporãs varia de acordo com o local e a época. Geralmente, nesse tipo de apresentação não se canta o Reis da lapinha, pois não é o período natalino, a não ser que o morador insista. O "Reis temporão" também serve para ensaiar e ajustar as apresentações, o repertório, as danças e outras criações do grupo, como as contradanças e as cantigas de roda. Nesse caso, toda a plateia participa, dançando e jogando versos com temas diversos, ligados não apenas à religião, mas também ao amor, à região e a assuntos cômicos. As músicas e danças profanas também podem ser apresentadas na casa dos moradores, após o rito sagrado (ações listadas entre a chegada e o agradecimento).

As festividades do Reisado ocorrem entre o Natal e o dia de Reis. A formação dos ternos varia entre nove e doze foliões: até oito em cada apresentação e mais quatro que se revezam, conforme o cansaço dos demais. O grupo é composto por moradores da comunidade e convidados, a maioria agricultores. Tradicionalmente, os ternos eram exclusivamente masculinos, pois se dizia que a exigência de longas jornadas a pé, cantorias e apresentações noturnas em diferentes casas, eram papeis mais adequados para homens. Apesar da predominância masculina, atualmente é possível encontrar grupos que incluem mulheres.

O terno de Reis de Curral de Varas é formado por um bandeirista, dois gaiteiros (primeira e segunda entonação da escala musical), um zabumbeiro, um caixeiro e um pandeirista além de outros instrumentistas que tocam chocalho e corrichas de arame e bambu, totalizando nove integrantes. Cantores e instrumentistas se revezam ao longo do percurso. No caso desse terno, os membros tem a mesma importância, pois todos exercem praticamente todas as funções. A estrutura hierárquica é mais horizontalizada do que em outros lugares, ou mais comunitária, na

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 2, maio/ago. 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

medida em que não existe, a rigor, a figura determinada do mestre reiseiro, embora se mantenha o respeito pelos mais experientes.

A maioria dos instrumentos é construída na própria comunidade. A vestimenta dos ternos não possui luxo nem aparatos: combinam uma camisa gola polo, todas da mesma cor, com o nome do terno estampado, chapéu ou boné patrocinado por empresas, políticos ou pelos próprios reiseiros. Em alguns ternos da região, o mestre usa uma toalha no pescoço para se destacar.

No distrito de Morrinhos, o giro – a travessia do grupo pelas casas dos devotos – ocorre tranquilamente, pois em quase toda casa há um reiseiro. Em sua maioria, são pessoas adultas ou idosas, remanescentes de ternos desativados ou até mesmo foliões ainda ativos que pertencem a outros grupos e que não estão se apresentando. Costumeiramente reiseiros de outros ternos são convidados para reforçar o grupo. Por isso, é raro se fazer o giro com as mesmas pessoas.

Durante o dia é possível acompanhar ternos fazendo se apresentando nas casas do distrito. Cada reiseiro domina e executa, praticamente, todos os instrumentos musicais. A maioria integrantes pratica suas habilidades musicais fora do ambiente do Reisado. Alguns formam duplas sertanejas, tocam sanfona, teclado e violão, instrumentos que não fazem parte do Reisado nessa região. Aqui os instrumentos de apoio são os de couro, como o zabumba, o pandeiro e a caixa, além dos reco-recos de arame e de madeira, do chocalho e de um par de gaitas. Com menos frequência, toca-se o triangulo e, raramente, usa-se a sanfona e a viola.

A estrutura rítmica das músicas entoadas pelos reiseiros varia de acordo com a combinação e o entrosamento entre o gaiteiro e o folião que puxa o canto. Alguns preferem toadas mais rápidas, outros, lentas e arrastadas. A gaita (flauta longitudinal) é o instrumento de referência para o tom da cantoria. A partir do som da gaita, entram em cena a caixa e a zabumba, que acertam o tempo da música, seguidos dos outros instrumentos que preenchem os espaços vazios e fecham a harmonia.

4.1 O GIRO E A FESTA

No período de 1º a 6 de janeiro, os foliões do Reisado realizam uma longa jornada pela região, “o giro”. Em Curral de Varas, a organização da trajetória do giro é decidida em reunião com todos os membros do terno, dias antes da saída. O giro nem sempre segue o roteiro definido, pois muitos foliões não “aguentam o tranco” de ficar muito tempo sem dormir. Depois de decidido o giro e a hora de saída, marca-se o encontro na casa de um dos foliões para o início da jornada. No giro antigo, os reiseiros saíam à noite para a casa do festeiro, figura comum em folias de outras regiões do país, mas em Curral de Varas ele não existe mais. Hoje o percurso é definido pelo grupo.

Até a véspera do dia de Reis, o terno passa dias e noites visitando as casas dos devotos, distribuindo bênçãos para familiares, amigos e vizinhos, que em troca oferecem prendas, isto é, dádivas em louvor aos Santos Reis como forma de assegurar a sua proteção. A troca não possui o caráter o pecuniário de compra e venda. Ser generoso implica em proteção e prosperidade, girando o ciclo contratual entre a cessão e a retribuição, em termos negativos, a renúncia e a indenização.

Na história bíblica, narrada pelo evangelista Mateus, o giro dos Reis Magos foi guiado por uma estrela brilhante firmada acima da manjedoura. Em Curral de Varas, o primeiro giro também

ocorre à noite e os foliões guiam-se pelas luzes acesas nas varandas das casas a serem visitadas, sinal de boas-vindas ou abertura para o sistema de trocas. Ao chegar do oriente, os três sábios procuram o rei Herodes que lhes informa o percurso até Belém, com a intenções dúbias de perseguir a criança-messias. Por isso, pode-se interpretar o giro como sendo a dramatização da ida dos Reis ao encontro de Jesus, quanto a de seu retorno para o oriente. Eles são avisados por um anjo das pretensões maléficas de Herodes. Para enganá-lo, tomam um curso diferente, e se sacrificam despojando-se das vestes luxuosas e pedindo esmolas pelo caminho. Por analogia, os Reis são vistos como protetores dos lares sagrados. A polaridade contratual dar-receber é melhor entendida, portanto, na forma do ciclo dar-receber-retribuir, em que os participantes atuam concomitantemente. Tanto os Reis e seus substitutos simbólicos no giro quanto Jesus e os moradores das casas perfazem o ciclo, transmitindo a memória passada a partir das dinâmicas do presente (LE GOFF, 1990).

Em pontos estratégicos, prepara-se o almoço, a janta e lanches para os foliões. É um trajeto longo, de aproximadamente 12km. Antigamente, todo o deslocamento era feito a pé, exigindo grande dispêndio de energia, ainda mais porque os foliões carregam seus instrumentos por toda a jornada. Nos últimos anos, o grupo fez o giro de moto e carro. Além disso, o giro percorre menos casas, pois os foliões estão envelhecendo e os jovens se interessam cada vez menos pelo Reisado. Vale mencionar a ascensão de religiosidades cristãs não católicas na região (PESTANA, 2021).

Após a peregrinação, o terno se aproxima de sua sede, onde é realizada a ladainha. Os reiseiros fazem sua última apresentação, encostam os instrumentos, e vão descansar para reiniciarem à noite finalizando o ritual. Enquanto uns descansam, outra turma prepara a latada, o presépio e a matança dos animais oferecidos pelos moradores das casas visitadas. Geralmente, as mulheres casadas cuidam do cozimento dos alimentos, as solteiras, da arrumação do presépio e da casa, e a rapaziada, do terreiro e da latada, espaço onde a festa é realizada.

No dia de Reis os foliões saem de uma casa vizinha, em direção à casa que sediará a festa, em marcha atrás da bandeira. Observa-se grande mudança no ambiente dessa casa: uma latada da haste da piteira (Agave americana – piteira azul), coberta com palhas de licurí bem amarradas com caroá para que o vento forte da região não a derrube. As rezadeiras ajeitam a frente do presépio, forram um pano no chão para as crianças e algumas delas sentarem, ascendem as velas e aguardam a chegada dos reiseiros, que se movimentam na redondeza. É a última vez que que a cerimônia será realizada. Então, os reiseiros iniciam o ritual cantando o Reis de chegada. O morador recebe a bandeira e a coloca ao lado de seu presépio. Os reiseiros entram na latada, espaço onde a festa é realizada, aproximam-se e se prostram em frente ao presépio, saudando-o. Em seguida, cantam o Reis do nascimento. No fim, todos colocam seus instrumentos ao pé do presépio e dão espaço para as rezadeiras, que arrumam as cadeira e os bancos em frente ao presépio, convidam a todos para sentarem e começam a ladainha. Por fim, os reiseiros fazem algumas apresentações e cantam o agradecimento, liberados então para performarem músicas e danças profanas. Todos retornam para o salão e não há hora certa para a festa acabar.

4.2 A BANDEIRA

A bandeira do Reisado (Figura 2) é um elemento simbólico dessa manifestação cultural popular que encabeça o giro. Ela carrega o sentido da sacralidade (KODAMA, 2009) e materializa a legitimidade do grupo para retribuir em bênçãos cantadas as dádivas recebidas. Estão atrás da

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 2, maio/ago. 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

bandeira uma “bandaria”, uma “banda”, um “bando” (CASCUDO, 2005). O fundamento desse elemento está relacionado com a representação dos Reis Magos, guiando o giro dos foliões. Ao contrário do que ocorre comumente em outros ternos de Reis, não há a figura do alferes ou bandeirista. Em Curral de Varas, os foliões revezam tanto os instrumentos quanto o hastear da bandeira. Ela possui, muitas vezes, cores especificas enfeitada com fitas coloridas, estrelas e figuras alusivas ao nascimento de Jesus, trazendo o nome da comunidade em destaque. Nessa folia, as cores predominantes da bandeira são o verde e o branco que que simbolizam a esperança, a renovação, a fertilidade e a natureza, e está relacionado à vida e ao crescimento, à harmonia e ao equilíbrio. No giro, a bandeira é recebida pelo morador ou moradora e posicionada ao lado do presépio. Em geral, não há reverência à bandeira durante as danças, como ocorre em outros ternos.

Figura 1: Bandeira do terno de Reis da comunidade de Curral de Varas



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Antigamente, uma pessoa da comunidade solicitava a bandeira do Reis para realizar a festa e, a partir daquele momento, ela passava a ser o festeiro de santos Reis. Então, tudo partia de sua morada: o encontro dos reiseiros, a saída para o giro e a entrega de dádivas. Hoje em dia não há a figura do festeiro, nem quem peça a bandeira, cuja responsabilidade circula entre os foliões anualmente.

O significado da bandeira do Reisado varia de acordo com a região e a tradição específica de cada grupo (KODAMA, 2009). No entanto, de forma geral, a bandeira do Reisado possui algumas expressões simbólicas:

a) A visita dos três reis ao recém-nascido Jesus, conforme a tradição cristã, significa a boa-nova, a passagem do antigo ao novo, o reinício do ciclo.

b) A proteção espiritual para a “banda”, que possui legitimidade para conjurar as energias negativas e trazer bênçãos para os devotos.

c) A celebração, a alegria e a festividade que acompanham essa manifestação cultural, manifestas nas cores primárias: o azul, o vermelho e o amarelo (combinando com os instrumentos e as vestimentas).

4.3 OS INSTRUMENTOS

Figura 2: Zabumba, instrumento do Reisado

a) Zabumba



b) Caixa



c) Gaitas



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

4.3.1 Zabumba

Zabumba é nome dado a um dos instrumentos de percussão utilizados para as apresentações dos grupos de Reisado na região de Guanambi (Figura 3a). O termo é também usado para

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 2, maio/ago. 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

denominar o estilo do Reisado na região. Esse Instrumento é muito conhecido em todo nordeste, sendo utilizado nos trios de forro, junto ao triangulo e a sanfona. De acordo com Câmara Cascudo (2005, p. 925), "o zabumba é o instrumento popular, predileto, inseparável dos nossos sambas, batuques, maracatus, pastoris e zés-pereiras e constituindo como que a nota predominante, característica, daqueles divertimentos populares".

O zabumba utilizado nos ternos da região de Guanambi é um instrumento artesanal, feito pelos próprios foliões, com dimensões variadas, de acordo com a bitola do tronco da árvore encontrada. Na fabricação do instrumento, usa-se tanto a madeira quanto a sua casca, que é retirada com cuidado para não quebrar. Trata-se de um objeto cilíndrico, oco com pele de carneiro nas extremidades, travados com aro da própria madeira e acochadas, com cordas para afinações praticamente idênticas. Afina-se o instrumento acochando as cordas e colocando-o no sol durante o dia. No período da noite, a temperatura diminui e os reiseiros costumam colocá-lo próximo ao fogão de lenha para segurar a afinação.

Esse instrumento é tocado em pé, batendo-se em uma das peles com uma baqueta, chamada pelos foliões de "mão de bumba". Na outra extremidade, usa-se uma vareta para uma batida-resposta. Os sons baixos e graves da primeira batida, alternados com os altos e agudos da resposta marcam o ritmo das músicas.

4.3.2 Caixa

A caixa é o instrumento musical percussivo utilizado pelos ternos de Reis da região. Feito artesanalmente de forma semelhante ao zabumba, porém, de proporções menores. Também é constituída de duas peles, sendo uma delas usada como resposta. Pode ser confeccionada de madeira ou tubo de PVC (Figura 3b). É o instrumento que oferece a harmonia ao ritmo das músicas do Reisado com seu som peculiar vibrado por missangas em um barbante na pele de resposta ou molas de arame bem fininha. Toca-se a caixa em pé, com duas baquetas na pele superior.

4.3.3 As gaitas

O termo gaita é usado para nomear um instrumento de sopro, a flauta longitudinal (Figura 3c). Fabricada antigamente com taquara de bambu, e hoje com tubo de PVC 20mm, madeira ou metal, em tamanho que varia de 35 a 45 centímetros. Conta com 06 furos na parte anterior e um na parte posterior, com um corte em bisel em uma das extremidades, na qual se encaixa um birro de madeira ou cera de abelha com uma abertura para passagem de ar do sopro, e uma janela retangular na parte superior.

É um instrumento de embocadura livre. Em Curral de Varas, dois foliões tocam gaitas simultaneamente, ambas com a mesma afinação (sol maior). O gaiteiro que faz a primeira voz é o responsável pela toada principal e os floreados durante a execução da melodia. A segunda gaita toca em contraponto à melodia principal.

4.3.4 Outros instrumentos

Os músicos do Reisado de zabumba tocam, ainda, o chocalho, o reco-reco e o pandeiro. O chocalho é um instrumento de percussão constituído por uma estrutura de madeira com pequenas peças metálicas presas, que produzem um som característico. Quando o chocalho é agitado, as peças metálicas se chocam, criando um som vibrante e estridente. Esse instrumento ajuda na marcação do ritmo da música, contribuindo para a cadência.

O reco-reco também é utilizado em outras manifestações culturais e folclóricas. Ele consiste em um tubo oco de madeira ou metal, com ranhuras em sua superfície, que são raspadas de cima a baixo com um bastão para produzir um som de fricção. O terno de Curral de Varas usa dois reco-recos, um de madeira e outro de metal. O reco-reco de madeira é feito de bambu, e possui ranhuras ao longo do seu corpo. O som resultante é geralmente mais suave e quente. O reco-reco de metal é construído com um tubo ou haste metálica, também com ranhuras ou molas de fios de aço ao longo do seu corpo. Quando friccionado, o metal produz um som mais agudo e ressonante.

O pandeiro é um instrumento musical de percussão muito popular no Brasil e amplamente utilizado no Reisado. Ele é feito de um tambor circular com pele esticada em um dos lados, geralmente de couro, com pequenos pratos metálicos fixados na borda do instrumento. No reisado, o pandeiro é tocado pelos integrantes do grupo que acompanham as danças, cantos e músicas típicas, marcando o ritmo das viradas das apresentações, para as danças e as coreografias dos foliões. Ele é um instrumento versátil, que permite uma grande variedade de sons e efeitos sonoros, dependendo da forma como é tocado. Pode ser sacudido, batido com as mãos, e até mesmo utilizado para quebrar o ritmo e improvisar as contradanças.

4.4 OS VERSOS E A MÚSICA

As músicas no Reisado são parte fundamental da tradição. Geralmente, cantadas em forma de versos, acompanhadas por zabumba, gaitas, pandeiro e outros instrumentos de percussão, possuem letras que contam histórias religiosas, folclóricas ou populares. Apesar da temática sagrada, os versos cantados durante o giro possuem tom informal, como se os ensinamentos fossem ditos numa conversa entre os reiseiros e os moradores.

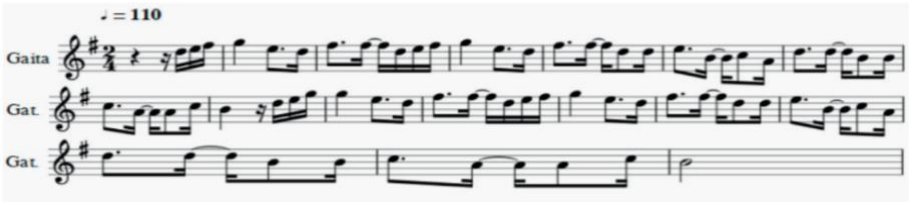
Em Curral de Varas, como em outras localidades, a cantoria é ritmada em versos de sete sílabas tônicas, as chamadas redondilhas maiores, muito utilizadas pelo cancioneiro popular, cordelistas, repentistas e trovadores. O esquema rítmico de versos alternados assume, em geral, a forma XAXAXBXB, em que os versos X não rimam entre si, mas dão fluência para uma narrativa longa. As estrofes possuem um padrão de 8 versos, embora alguns versos e estrofes sejam irregulares. Cada estrofe narra uma cena, trata de um assunto, explica uma situação ou deduz um ensinamento. As locuções reiteradas e comuns nos versos das folias de Reis, como “Deus lhe dê uma boa noite”, “Senhor dono da casa” e “Ora viva e ora viva”, são recursos estilísticos mnemônicos e rítmicos, além de ajudarem a estruturação de novas estrofes e assuntos.

Os reiseiros cantam, obrigatoriamente, o Reis de chegada, o Reis da lapinha ou nascimento, o agradecimento e a marcha de saída, músicas sacras que compõem o primeiro plano da folia. Depois do Reis da lapinha, podem alterar a figura e o motivo das canções, apresentando músicas ditas profanas, que todos podem cantar e dançar. Elas podem ser chamadas de cantigas de roda.

A seguir, destacamos as letras de canções do Reisado tais como apresentadas por Santos e Santos (2019, p. 90-92).

4.4.1 Reis da chegada (cantado pelo terno de Reis de Curral de Varas)

Figura 3: Partitura do Reis da chegada.



Fonte: SANTOS; SANTOS (2019, p. 90)

Deus lhe dê uma boa noite,
noite de muita alegria.
Deus lhe dê colar de ouro,
e bom amparo para família.
Deus lhe dê uma boa noite,
alegremente cantando.
São despedidas de festa,
boa entrada de ano.

Senhor dono da casa,
Santo Reis aqui chegou.
Vem trazer muita alegria,
visitando o morador.
E também, senhora Dona,
não repara isso não.
Nós cantamos o Santo Reis,
é chegada a ocasião.

E também os seus filhinhos,
já é tarde pra ficar.
Vamos cantar o Santo Reis,
para Deus nos ajudar.
Só não canto as paredes,
por não ter entendimento.
Vou cantar grandes e pequenos,
que está na parte de dentro.

E também, senhora Dona,
não se calça mais chinela.
Sapatinho de veludo,
meia de seda amarela.
E também, senhora Dona,
cordão de ouro fino.
Delicado no pescoço,
esplendor da mãe divina.

Santo Reis pede esmola,
mas não é de precisão.
Só pra ver quem é devoto,
e o adora de coração.

São José e Nossa Senhora,
quando foi para Belém,
Eles foram cantar o Reis,
para nós cantar também.
São José e Nossa Senhora
foram os primeiros reiseiros.
Que saiu cantando Reis,
no dia primeiro de janeiro.

Senhor dono da casa,
vem pegar nossa bandeira.
Nós não podemos entra sem ela,
ela é nossa companheira.
Abençoada foi a mão
que na bandeira pegou.
Segurou com as duas mãos,
segurou e deu valor.

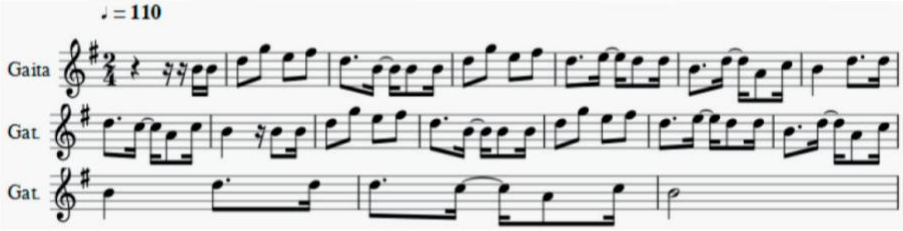
Ora viva e ora viva,
viva o nosso Santo Reis.
Para ficar bem cantado,
vamos dar viva outra vez.
Ora viva e ora viva,
linda estrela do Oriente.
Viva o nosso Santo Reis,
viva Deus primeiramente.
Ora viva e ora viva,
filho de bom coração.
Viva o dono dessa casa,
com toda sua geração.

Esses versos descrevem a visita do grupo aos moradores, que reestabelecem entre si o contrato tácito – a obrigação de dar, receber e retribuir – invocando a cena original em que José e Maria recebem os visitantes. Canta-se o possível contrato: pede-se o louvor e uma “esmola” aos devotos, em troca da prosperidade, da riqueza e da alegria. Algumas vezes, essas trocas assumem o valor de uma promessa, enunciada antes da festa. A referência a objetos como colar, cordão de ouro e sapatinho de veludo denota o desejo de prosperidade e bênçãos para a família que está sendo visitada. O aceite é representado pelo acolhimento da bandeira pelos moradores, que a colocam ao lado do presépio.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 2, maio/ago. 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

4.4.2 Reis da lapinha (cantado pelo terno de Reis de Curral de Varas)

Figura 4: Partitura do Reis da lapinha.



Fonte: SANTOS; SANTOS (2019, p. 91).

Deus salve casa santa
onde Deus fez a morada.
Onde mora o cálice bento
e a hóstia consagrada.
E a hóstia consagrada
vamos todos adorar.
25 de dezembro,
grande noite de Natal.
25 de dezembro,
meia noite deu sinal.

Jesus já era nascido,
grande noite de Natal
Grande noite de Natal,
hora que Jesus nasceu
O vento do ar parou
e a terra toda tremeu.
Pois na noite de Natal
não se deita em colchão.

Foi nascido Deus Menino
entre as folhinhas do chão.
O nascimento de Cristo,
seu companheiro que foi.
Foi a sua companhia
um carneiro, um galo e um boi.
A hora que o boi berrou,
o carneiro berrou também.

O galo também cantou:
Cristo nasceu em Belém.
O galo crista de serra,
o pássaro que Deus escolheu.
Foi ele que deu a nova
que Jesus Cristo nasceu.

Os três reis, quando souberam
que nasceu o rei Messias,

montados seus camelos
viajaram noite e dia.
De longas terras vieram,
por uma estrela guiados.
Á procura de uma criança,
criança santificada.

Os três reis, que ali chegaram,
todos três com um só destino.
E pra chegar à lapinha
para adorar Deus menino.
Simeão chegou depressa
e acendeu o candeeiro.
E a chegada dos três reis
montado nos seus camelos.

A lapinha era pequena,
não cabiam todos três.
Entraram de um a um,
cada um na sua vez.
Acharam Jesus deitado e
Nossa Senhora encostada.
A Virgem da Conceição
e Maria imaculada.

Oh! que altar tão bonito,
como estar bem enfeitado.
Parecendo o céu aberto,
quando está bem estrelado.
Em Belém nasceu um cravo,
ramalhete de Nazaré.
Ramalhete da trindade,
Jesus Maria e José.

A vaquinha, quando soube
que Jesus Cristo nasceu,
À Virgem da Conceição
seu leitinho ofereceu.
As barcas que veio de longe
que também veio visitar.
Os anjos desceram do céu
e mandou nós ajoelhar.

O anjo desceu e disse:
ajoelha, folião.
Vamos louvar Deus Menino
com o joelho no chão.
As barcas que veio de longe
que também veio visitar.
O anjo desceu do céu
e mandou nós levantar.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 2, maio/ago. 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Alevanta, folião,
que Jesus já levantou.
O anjo desceu do céu:
esse é o nosso salvador.
Ora viva e ora viva,
estrela do Oriente.
Viva o nosso Santo Reis,
viva Deus primeiramente.

Ora viva e ora viva,
viva de bom coração.
Viva o dono dessa casa
com toda sua geração.
Encontrei Nossa Senhora
rezando Salve Rainha.
Viva o dono dessa casa,
viva a dona da lapinha.

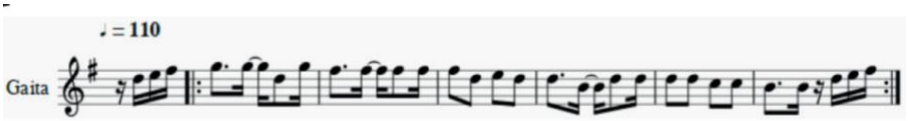
Damos viva Deus Menino,
na lapinha de Belém.
Jesus, Maria e José
para todos sempre amém.

Esses versos fazem referência ao cancioneiro popular motivado pelas festas de Reis, a canção Cálix Bento fornece o motivo inicial dos versos, que são cantados assim que o grupo de Reis adentra a residência e o morador posiciona a bandeira ao lado do presépio ou lapinha, para onde todos se viram. Os versos descrevem os acontecimentos entre o nascimento de Jesus Cristo e a chegada dos Reis Magos. A boa nova é celebrada por elementos naturais (o vento, a terra), sobrenaturais (anjo), pelos animais da manjedoura (galo, carneiro, vaca), pelos personagens bíblicos (José, Maria, os Magos) e pelo ouvinte (o folião). Não se trata apenas de contar uma narrativa, nem de explica-la, mas também de revelar um mistério da fé. A boa nova anuncia o salvador da humanidade. Há aqui um componente litúrgico de completude: todo ser que existiu, todo ser existente e toda geração futura deve louvar o messias.

Essa liturgia é encarnada, na medida em que os versos coordenam os movimentos dos devotos e a organização do ritual, por exemplo, pedindo ao folião que se ajoelhe e se levante. Algumas pessoas da plateia, especialmente os mais devotos, também participam dessa coreografia minimalista, pois, de resto, os Reis são cantados e não dançados.

4.4.3 Reis de agradecimento (cantado pelo terno de Reis de Curral de Varas)

Figura 5: Partitura do Reis de agradecimento.



Fonte: SANTOS; SANTOS (2019, p. 92)

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 2, mai/ago. 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Senhores donos da casa,
Santo Reis já vai embora.
Ele leva seu recado,
direitinho até na glória.
Deus lhe pague pelo Reis,
Deus lhe dê muitos aumentos.
Como a missa na igreja,
e o santíssimo sacramento.

Senhores dono da casa,
não repara isso não.
Nós cantamos Santo Reis,
foi chegada a ocasião.
Deus lhe pague pelo Reis,
Deus lhe dê buquê de flor.
Como a missa na igreja,
certa noite resplendor.

Santo Reis já vai embora,
sua casa vai deixando.
Vai deixando muita saudade,
pra voltar no outro ano.
Senhor dono da casa,
generoso e homem nobre.
A gente pede, ele chega,
com boa sombra lhe cobre.

Só não cantei as paredes,
por não ter entendimento.
Cantei grandes e pequenos,
que está na parte de dentro.
Companheiro de folia,
vem pegar nossa bandeira.
Não podemos andar sem ela,
ela é nossa companheira.

Já cantei, já recantei,
vou tornar a encantar.
Se eu não cantei direito,
você vai me perdoar.
Ora viva e ora viva,
viva de bom coração.
Viva o dono dessa casa,
com toda sua geração.

Esses versos descrevem a despedida do grupo de cantadores após a visita à casa. Eles agradecem pela hospitalidade e desejam bênçãos e prosperidade para o dono da casa e sua família. Se os versos das canções anteriores retomavam o mito do nascimento, religando (*religare*) o passado mítico ao presente vivido, o Reis de agradecimento aponta para o que há de vir: a saudade, o ano seguinte, as bênçãos que ficam, as próximas gerações, a continuidade da tradição etc.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 2, maio/ago. 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Indica-se que o ciclo contratual não se rompe com o fim das festividades, ao contrário, inicia-se o tempo das retribuições e indenizações.

Além disso, a música e a tradição dos cantadores de Reis são formas de manifestar certa moralidade: a nobreza de caráter liga-se à generosidade e à humildade, valores que devem fazer parte do cotidiano dos moradores. Nesse contrato moral, os reiseiros garantem a transmissão das solicitações e também mostram humildade ao pedir perdão pelos erros durante a apresentação. Desculpar-se "por qualquer coisa" ao sair de uma casa ainda é prática comum das visitas em muitas regiões do país.

4.5 O MOVIMENTO DAS CONTRADANÇAS

A dança no Reisado é uma expressão artística que combina movimentos coreografados, passos ritmados e gestos simbólicos. O terno de Reis de zabumba se apresenta com oito foliões e o bandeirista, ao som do Reis de chegada, do Reis da lapinha e do Reis de agradecimento. Nesse momento sagrado, os foliões tocam os instrumentos e cantam sem dançar, posicionados defronte o presépio. Em geral, danças são permitidas após a cantoria dos Reis e a ladainha.

A dança é uma expressão artística multifacetada que combina narrativa, integração social, entretenimento e preservação de identidade. Ela cria um ambiente festivo e animado, proporcionando entretenimento para os participantes e espectadores. Os movimentos são ensinados entre as gerações, mantendo-se vivos os costumes, os rituais e as práticas ancestrais.

Durante as contradanças, momento dito profano da festa, os foliões cantam e variam entre as seguintes contradanças:

a) o oito de contas, em que se dança percorrendo, em fila, o formato do oito;

b) a cerca de varas, em que os dançantes trançam entre si, tal como eram feitas as cercas de varas no passado;

c) o xote, em que os foliões dançam um forró simplificado, cadenciando dois passos para um lado e dois para o outro;

d) o vai não vai, dançado aos pares, com gestos de ida e volta, uma vez no lado esquerdo e outra do lado direito, sequência que se repete por duas vezes, até que um dos companheiros gira em direção a outro par;

e) o variado, uma apresentação teatral em que os reiseiros simulam pessoas desequilibradas procurando algo do cotidiano onde não há nada. Um dos integrantes para de tocar e simula uma alucinação com seu instrumento, como se estivesse "variando" (confusão mental);

f) e o manduri, uma representação teatralizada de invasores de terra lidando com um fazendeiro bravo. O grupo realiza esse movimento apenas nos ensaios.

Embora tenham modos distintos de dançar, as apresentações e os movimentos são, na maior parte, improvisados, em que um dos integrantes inicia uma sequência roteirizada de movimentos a ser rematada pelos demais integrantes. Há também as cantigas de roda profanas em que tanto os foliões quanto a plateia podem entrar na roda e jogar versos.

Segundo Santos (2020), as cantigas de roda são cantadas, primeiramente, ao som da gaita seguido pela alternância entre um refrão e uma estrofe.

Cravo Branco
(cantada pelo terno de Reis de Curral de Varas)

Na Bahia tem saia de babado,
por causa do cravo branco eu perdi a namorada.

É de quem eu lembro, é do meu amor,
por causa de cravo branco, lírio roxo apaixonou.
É de quem eu lembro, é do meu amor,
por causa de cravo branco, lírio roxo apaixonou.

Você diz que vai, vai, eu também queria ir,
você diz que não vai mais, eu também já resolvi.

É de quem eu lembro, é do meu amor,
por causa de cravo branco, lírio roxo apaixonou.
É de quem eu lembro, é do meu amor,
por causa de cravo branco, lírio roxo apaixonou.

As contradanças e as cantigas de roda são elementos coreografados e os participantes se movem em pares, em grupos ou em círculo, seguindo passos específicos ritmados pelo som das músicas tradicionais. Após as contradanças e as cantigas de roda, o gaiteiro puxa novamente o agradecimento e segue a marcha de saída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolhermos o Reisado de zabumba da comunidade rural de Curral de Varas como objeto de estudo, tínhamos a certeza de que iríamos encontrar desafios. O fato de o pesquisador ser membro da comunidade do Reisado poderia enviesar a percepção sobre os elementos que o constituem, exigindo, assim, uma atenção redobrada para não negligenciá-los nem exagerá-los e, consequentemente, perder a riqueza dos detalhes que o contexto proporciona.

Este artigo constata que a folia de Reis é uma manifestação popular presente nas populações com ascendência africana, apesar de suas fontes europeias, que se efetivou como uma prática de povos camponeses e recebeu influências dos ritos africanos, algo característico da hibridização na formação cultural brasileira. Utilizou-se procedimentos da pesquisa etnográfica, embora não se tenha aprofundado na complexa relação entre essas influências multiculturais. Apesar dessa deficiência, o estudo reconheceu que os Reisados se adaptam e conformam traços culturais locais, mantendo uma base estrutural: a temática religiosa, que retrata a jornada dos Reis Magos em busca do menino Jesus.

Realizou-se uma descrição analítica das cantigas de roda, das danças, dos instrumentos e da musicalidade da manifestação. A folia de Reis não só faz parte da história e herança cultural nordestina, como também funciona como uma atividade de fortalecimento de vínculos e de resistência, garantindo que os saberes populares, as crenças e a história não sejam esquecidas ou extintas com o passar dos tempos ou com as interferências culturais da contemporaneidade vinculadas à indústria cultural.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 6, n. 2, maio/ago. 2024.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

As variações de nomes, a inclusão ou a exclusão de instrumentos, as características dos versos, a presença ou não de mulheres na prática da folia de reis, nas diferentes regiões do país, indicam a vitalidade dessa manifestação em seus componentes orgânicos: o que dá vida à folia de Reis são seus traços literários, musicais e de expressão corporal.

A formação do sujeito a partir de elementos do Reisado, pode ser entendida como um processo de construção identitária que envolve dados culturais, sociais e simbólicos. Assim, a participação na folia de Reis pode proporcionar ao indivíduo a vivência de valores como solidariedade, cooperação, religiosidade e pertencimento a uma comunidade. As relações de troca, a interação com os demais integrantes da folia, a transmissão de valores e modos de vida, a execução dos cantos e danças tradicionais, a visita às casas e a celebração dos rituais compõem um mesmo espaço de socialização que contribui para a formação dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. São Paulo: Artmed, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v.6, p. 51-62. jan./dez. 2007. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988/10662 Acesso em: 26 jan. 2023.

CALIL, Gilberto. **Folias e Reisados do Brasil**. Editora Expressão Popular, 2010.

CANCLINI, Néston García. **Culturas hibridas**: estrategias para entrar y salir de la modernidad. México D.F.: Editorial Grijalbo, 1990.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10 ed. São Paulo: Ediouro, 2005.

CARVALHO, Aline Vieira de; MENEGUELLO, Cristina. **Dicionário Temático: debates contemporâneos** – Patrimônio Cultural – Brasil, Dicionários. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2020.

FERNANDES, Elieuza Bispo. **Reisados**: o legado cultural para a sociedade canabravense. 2015. 58 f. Monografia (Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos e Diversidade Cultural) – UnB, Brasília, DF, 2015.

GOMES, Maísa Messias. **Cultura popular no Alto Sertão baiano:** a tradição do Vai de Virá em Guanambi – Bahia. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da UFBA, Salvador-BA, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Censo Brasileiro de 2022**. Disponível em https://cidades.ibge.gov.br/ Acesso em: 16 abr. 2024.

KODAMA, Kátia Maria Roberto de Oliveira. **Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas**. 299 p. Tese de Doutorado. Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva – forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 181-312.

NEDER, Adriana. Folia de reis em Minas Gerais: entre símbolos católicos e ambiguidades africanas. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 15, n. 18, 2013, p. 33-55.

PESTANA, Matheus. As religiões no Brasil. **Religião e Poder** [Recurso eletrônico], 24 ago. 2021. Disponível em https://religiaoepoder.org.br/artigo/a-influencia-das-religioes-no-brasil/ Acesso em 28 abr. 2024.

SAMPAIO, Theodoro. **O Rio de S. Francisco e a Chapada Diamantina: trechos de um diário de viagem** (1879-80). Publicado pela primeira vez na Revista S. Cruz. São Paulo: Escolas Professionaes Salesianas, 1905.

SANTOS, Aloísio José dos; SANTOS, Vilma Carvalho da Silva; SILVA, Josias Benevides; ACEDO, D. J. S. **Memorias e História de um Povo do Território de Identidade do Sertão Produtivo:** O Caso da Comunidade de Curral de Varas. Guanambi: UNIFG, 2019, v. 500, p. 156.

SANTOS, Aloísio José dos; SANTOS, Vilma Carvalho da Silva**. Reisado em Cordel**: as andanças dos ternos de reis na região de Guanambi. Guanambi: Gráfica A4, 2021.

SANTOS, Vilma Carvalho. Cantigas de roda da folia de reis da região de Guanambi: um resgate das memórias. **Revista ComCiência**, v. 7, n. 9, p. 28-32, 2022.

Recebido em: *10 de maio 2024*

Aceito em: *22 de novembro 2024*